



Itinerário intelectual de Greimas: o percurso da estrutura

José Luiz Fiorin*

Resumo: Este trabalho, depois de apresentar os objetivos e os fundamentos teóricos do trabalho lexicológico de Greimas, seja em suas teses de doutoramento, a principal e a subsidiária, seja em artigos escritos após sua defesa, mostra por que ele abandonou a lexicologia e criou uma semântica estrutural e uma semiótica. Analisando o percurso intelectual de Greimas, vê-se que nele estão sempre presentes as preocupações que estão na base de suas teses e primeiros trabalhos de lexicologia: busca de uma metodologia rigorosa; estudo da significação independente de outras disciplinas linguísticas; estudo estrutural e histórico das significações, sempre com base no princípio da imanência; prevalência da sincronia sobre a diacronia. O estudo do itinerário dos escritos de Greimas revela sua coerência intelectual ao longo de toda sua vida na busca de construir um estudo científico da significação.

Palavras-chave: semântica, estrutura, princípio de imanência, palavra, texto

Em 1948, Greimas defende sua tese de doutorado na área de lexicologia na Universidade de Paris. Conforme a legislação da época, o candidato apresentava duas teses: a principal e a subsidiária. A tese principal, intitulada *A moda em 1830. Ensaio de descrição do vocabulário do vestuário segundo os jornais de moda da época*, foi orientada por Charles Bruneau (Greimas, 2000, p. 5-255). A tese subsidiária, denominada *Alguns reflexos da vida social em 1830 no vocabulário dos jornais de moda da época*, foi dirigida por Robert-Léon Wagner (Greimas, 2000, p. 257-318). Na tese principal, Greimas estuda o vocabulário da moda no período da história francesa chamado Restauração, que consiste no retorno à soberania monárquica da Casa de Bourbon com os reinados de Luís XVIII e Carlos X, irmãos mais novos de Luís XVI. 1830 é o ano final da Restauração. Nessa tese, Greimas estudou mais de 3.000 palavras (Matoré e Greimas, 1950, p. 210). Depois, de um breve prefácio em que fala do objeto e do método, há uma introdução em que se discutem as concepções da elegância no vestir. O corpo da tese é composto de cinco capítulos: o primeiro sobre as roupas e a roupa; o segundo, sobre as vestimentas masculinas; o terceiro, o mais longo, sobre as indumentárias femininas; o quarto, sobre os materiais que servem para a confecção de trajes (tecidos, peles e couros); o quinto, sobre os cuidados

com o corpo (perfumes, cosméticos, maquiagem e cuidados de limpeza). No final, há uma conclusão em que se mostra como se constitui o vocabulário da moda e como ele se enriquece. Além disso, apresentam-se quatro apêndices: nomes de flores empregados nos penteados (271 vocábulos); nomes de cores (348 palavras), nomes de tecidos com fios retilíneos (468 termos), nomes de pontos de bordado (29 expressões).

Na tese subsidiária, que tem por objetivo desenvolver algum aspecto da tese principal, Greimas pretende aproximar os domínios lexicológico e sociológico para analisar “as condições econômicas e sociais em que opera a moda e precisar certos movimentos de ideias que caracterizam a sociedade do período que se estuda” (2000, p. 260). Na conclusão, diz:

No curso de nosso trabalho, tentamos pôr em evidência as novas condições econômicas e sociais que regem a sociedade francesa da Restauração, resultante da grande convulsão da Revolução e avultada já da nova era capitalista e burguesa. Quisemos, em seguida, identificar certas manifestações espirituais, como o Romantismo e a anglomania, que nos pareceram ser as mais características da época. (Greimas, 2000, p. 295)

Quais são as ideias teóricas centrais que orientam o trabalho lexicológico de Greimas? A tese insere-se no movimento de renovação dos estudos do vocabulário. Sua primeira orientação teórica é, seguindo os passos de Antoine Meillet, buscar o uso social e não indivi-

* Professor Titular (aposentado) do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) . Endereço para correspondência: (jolufi@uol.com.br).

dual do léxico. Greimas pensava que a lexicologia não devia confundir-se com a estilística (Greimas e Matoré, 1948). Até então, o estudo do vocabulário, partindo do princípio de que os grandes escritores exerciam um papel importante na evolução das línguas, tratava de estudar suas criações lexicais. Greimas também não está interessado nos vocabulários técnicos, a linguagem dos grupos profissionais, mas nos vocabulários de “intergrupos sociais’ orientados para certas atividades de ordem coletiva” (2000, p. 6). Daí sua atenção ao léxico da moda. Pelo interesse no uso social dos termos, Greimas vai estudar os jornais de moda, principalmente o *Journal des dames et des modes*, manuais sobre moda ou sobre suas técnicas (penteados, bordado, sapataria, costura, confecção de gravatas, etc.), obras literárias, especialmente de Balzac, etc. (2000, p. 7; 369-370). Vai, a partir do recenseamento desse vocabulário, estudar seu sentido, seu emprego e sua origem.

A epígrafe da tese subsidiária, uma citação de Balzac do *Traité de la vie élégante*, marca outra linha teórica: “A toailete é a expressão da sociedade” (2000, p. 259). O vocabulário é “um reflexo da vida da sociedade numa dada época” (2000, p. 143). O objeto do estudo da lexicologia é a “história da sociedade” (Greimas e Matoré, 1950, p. 212). Daí porque Greimas se interessa pela conotação cultural que tem esse vocabulário. O léxico é sempre resultado das experiências históricas de uma dada comunidade. Na tese subsidiária, vai examinar as razões históricas que criaram o vocabulário da moda no período da Restauração. Embora Marx não seja citado na tese¹, sua análise das condições da constituição do vocabulário da moda é, curiosamente, uma fina análise marxista. Começa estudando como a infraestrutura econômica determina o aparecimento de uma dada superestrutura e como tudo isso influencia na composição do vocabulário. O desenvolvimento do capitalismo leva a um progresso técnico sem precedentes, o que faz desenvolverem-se as indústrias de bens de consumo, entre as quais tem grande importância a indústria têxtil. Isso leva a uma diminuição de preços, o que, aliado ao enriquecimento de amplas camadas da população, gera uma uniformização e uma democratização do vestuário (2000, p. 261-262). Greimas diz, com Balzac, que a “Revolução foi também uma questão de moda, um debate entre a seda e a chita grosseira” (2000, p. 263). Nesse nivelamento geral, a moda torna-se importante, porque era uma maneira de se distinguir (2000, p. 263). Essa mudança na produção determina modificações na circulação de mercadorias, seja aumentando o comércio

com os outros países, seja mudando a configuração do comércio e das lojas. Passam a existir a publicidade e os jornais de moda (2000, p. 263-265). Tudo isso leva ao surgimento de uma nova sociedade, aparecendo, na cena social, uma classe muito importante, os “novos ricos” (banqueiros, negociantes, industriais), que serão denominados de burguesia (2000, p. 265-266). Essa classe constitui, em oposição à aristocracia, uma “alta sociedade”, para quem tem singular importância as ideias de progresso e de civilização, onde tem relevo o ideal de evolução dinâmica (2000, p. 267). Essa nova sociedade caracteriza-se pela largueza de espírito, pela “abertura a todas as influências espirituais, sociais e políticas, qualquer que seja sua proveniência” (2000, p. 267). A instabilidade, a busca da atualidade, a moda enfim caracterizam a vida. Essa classe, que “confia no poder do dinheiro”, busca aceder ao poder político. Por isso, as preocupações políticas entram na ordem do dia. Na superestrutura, por sua vez, os novos modos de produção, levam a uma filosofia de vida caracterizada pelo Romantismo e a anglomania (2000, p. 268-269).

O Romantismo exalta as artes e o artista, que, no século anterior, era sinônimo de “bom artesão” e passa a ser o que “muda a face das coisas, molda uma revolução, pesa no globo, modela-o” (2000, p. 272-273). No entanto, o Romantismo não é apenas um modo artístico, mas uma maneira de viver. Greimas estuda três características desse novo modo de vida. Uma é o caráter “exibicionista” da alma romântica. Exalta o indivíduo não coagido por barreiras sociais, mas em contato íntimo com a natureza, vista por meio de uma sensibilidade penetrada por sentimentos (2000, p. 273). Propriedades como caráter ou distinção adquirem grande importância e a originalidade e o não conformismo são os critérios de julgamento das obras e da vida. A vaguidade é um traço importante que se manifesta

na leveza dos tecidos, na imprecisão dos desenhos, no frufu das vestimentas, no caráter aéreo dos penteados e dos xales, mas também em outros detalhes de domínios muito diferentes, como, por exemplo, no hábito de comer alguma coisa em lugar de almoçar, ou mesmo talvez no emprego abusivo do artigo partitivo. (2000, p. 274)

Esse caráter exibicionista, por sua vez, exige a busca de cor, uma espécie de mudança de cenário: uma cor temporal, o gosto pela Idade Média, com a conseqüente influência do gótico (2000, p. 275-278); uma cor local, o gosto pelo “estrangeirismo”, que se manifesta pelo exotismo² (2000, p. 278-282).

A anglomania (a influência inglesa) faz-se sentir em

¹ Marx aparece citado no texto *La méthode en lexicologie (II)*, escrito com Georges Matoré (1950, p. 213).

² O Brasil aparece citado várias vezes. Havia mantôs brasileiros (manteaux brésiliens) (2000, p. 38-39), uma corrente com o nome do Brasil (chaînes du Brésil) (2000, p. 97); leques feitos de madeira odorífera do Brasil (abanicos) (2000, p. 103). Greimas diz que o continente americano, apesar do interesse de ordem política pelo Brasil, não chama muita atenção do público (2000, p. 279). Na nota 283, afirma “são, provavelmente, os destinos do imperador Dom Pedro e de sua filha *Dona Maria*, rainha de Portugal, que atraíram o interesse do público sobre o Brasil: cf. manteau brésilien, gaze brésilienne, manches à la *Dona Maria*” (2000, p. 309).

todos os domínios. Ela manifesta-se no gosto pelo conforto, na independência dos homens em relação à sociedade feminina, que se traduz por uma série de atividades “viris”, como os esportes, e no dandismo como regra de vida. A influência inglesa exerceu-se principalmente na moda masculina, mas tem certo papel também na moda feminina (2000, p. 283-294). Isso levou a um aumento de empréstimos de termos ingleses (2000, p. 135). Greimas considera que a civilização francesa caracteriza-se pela mistura, pela “síntese de elementos disparatados, vindo dos quatro cantos do mundo, e numa difusão desses elementos reunidos” (2000, p. 289).

Para cada uma dessas características estudadas na infra ou na superestrutura mostram-se os vocábulos que foram influenciados por elas.

Poder-se-ia pensar que Greimas está longe do princípio da imanência, pois para ele parece não haver separação entre a ordem do mundo e a ordem da linguagem. A linguagem é reflexo dos fatos do mundo. No entanto, há certa ambiguidade nas teses de greimasianas. De um lado, ele diz: “quisemos manter-nos o mais perto possível das coisas: tomar por ponto de partida o mundo das realidades e não o das palavras” (2000, p. 7). Ou então afirma:

A linguística tinha arriscado, há já certo tempo, uma fórmula que teve muito sucesso: falou-se muito da *vida das palavras*, como se essas pudessem ter uma vida própria e não fossem epifenômenos que recobrem, de uma maneira imperfeita, a perpétua mobilidade das coisas que, somente elas, são vivas. As palavras são apenas imagens baças da realidade, elas somente a refletem de maneira incerta, embora uma concordância perfeita entre o signo e o significado não seja jamais atingida. (2000, p. 132-133)

Temos a impressão de que Greimas considera que o significado está nas coisas. Ele diz:

As mudanças que se produzem nas coisas não se exprimem sempre no vocabulário e o fosso – imperceptível no início, mas sempre crescente – que separa a palavra, congelada na imobilidade, da coisa, em evolução, constitui o que Nyrop [...] designa sob a expressão de *evolução passiva* das palavras. Então, para explicitar a significação real e precisa da palavra, é necessário dirigir-se à realidade viva, que resta, às vezes, ignorada, por causa da importância, que se tende a atribuir *a priori* às palavras tomadas em si mesmas. (2000, p. 133)

É preciso considerar, no entanto, que Greimas acrescenta que não queria cair numa “caça aos neologismos”, às criações dos autores, que dão uma ideia falsa do conjunto do vocabulário (2000, p. 7). O que ele chama mundo das coisas é o uso social dos vocábulos. Na verdade, considera as palavras testemunhas da vida da sociedade (2000, p. 295), “testemunhas da História” (2000, p. 296) de uma dada formação social. Ele não parte da realidade para palavras, mas identifica os fatos da realidade a partir das palavras.

Ele está próximo de um princípio da imanência. No artigo escrito com Matoré em 1950, busca-se um método para a lexicologia. Por isso, insiste-se no fato de que é preciso “classificar os fatos e não somente os mencionar” e que essa “classificação deve ser racional, válida para o conjunto do léxico” (1950, p. 210). Mas como fazer esse arranjo sistemático? Primeiramente, é necessário começar por classificações provisórias, delimitadas por cortes. O seccionamento do vocabulário adquire um relevo muito grande. O léxico deve ser dividido na duração e na extensão (2000, p. 211). A lexicografia não deve deixar-se dirigir pelos historiadores, pois eles têm “grandes dificuldades de classificar organicamente os fatos que estudam” (1950, p. 212).

O seccionamento no tempo é fundado na ideia de geração, pois as “divergências graves entre gerações vizinhas manifestam-se na vida social, fonte do vocabulário” (1950, p. 214). Ela tem uma duração de uma trintena de anos. Portanto, haveria cerca de três gerações por século. No entanto, quem vai defini-las são os fatos lexicológicos, pois, em certas épocas, e aqui ele cita Saussure, “são as forças de inovação (*o intercurso* de Saussure) que prevalecem, em outras, é o *espírito de campanário*, o espírito particularista que se torna predominante” (Greimas e Matoré, 1950, p. 216). Por isso, não há necessariamente corte entre duas gerações. É o vocabulário que permite determinar essas gerações.

Em sua tese de doutoramento:

- a. as novas condições de circulação da mercadoria no capitalismo europeu são exemplificadas com vocábulos como *magasin, bazar, client, mannequin, publicité*;
- b. a influência inglesa é explicada com termos como *mac-adamisation, cold-cream, jockey, groom, fashionable*;
- c. o gosto da Idade Média é ilustrado com expressões como *chaînes à chevalière e à la châtelaine*;
- d. o acesso da burguesia ao poder econômico é esclarecido com o grande uso de palavras como *utilitaire, positif*.

Assim, é a linguagem que determina os fatos da realidade que serão estudados. Não estamos muito longe da tese de que a linguagem semiotiza o mundo.

Quando Greimas e Matoré vão estudar os cortes na extensão, insistem no fato de que não se pode estudar o léxico do ponto de vista morfológico. Por isso, era preciso constituir uma semântica (1950, p. 208). A divisão em extensão é uma delimitação “espacial”, para tornar mais simples o estudo do vocabulário, permitindo sua classificação: é uma separação do léxico em campos semânticos. O vocabulário deveria ser seccionado em técnico, psíquico e social (1950, p. 216-217).

Os vocabulários técnicos são aqueles que nomeiam “as atividades humanas criativas em que o trabalho da mão se acha aliado (numa proporção de 0 a 100%) ao trabalho do espírito” (1950, p. 217). As técnicas são classificadas, com base no grau de abstração que seu exercício comporta, de ofícios (as atividades mais materiais), passando por jogos e artes (as atividades estéticas que unem o trabalho da mão e o do espírito), até ciências (as atividades mais intelectuais) (1950, p. 215-216). O vocabulário psíquico corresponde à parte não técnica do léxico e compreende os termos que nomeiam o movimento, as sensações, os sentimentos, a racionalidade. Cada um desses vocabulários pode ser arranjado diversamente. O léxico das sensações pode ser classificado pelos sentidos a que elas se referem: o tato (o tátil e o térmico), o paladar, o olfato, a audição e a vista. O vocabulário da vista contém campos semânticos como da cor e da luz (1950, p. 218-219). Ao arranjo mostrado até agora, deve-se acrescentar uma classificação hierárquica dos diferentes vocabulários (gíria, popular, familiar, acadêmico, etc.) (1950, p. 219).

Como se vê, o que Greimas e Matoré buscam, ao estabelecer hipóteses de um método em lexicologia, é estudar estruturas presentes no vocabulário. Evidentemente, estamos longe ainda de uma concepção precisa de estrutura. No entanto, há uma preocupação com ela, que se pode entrever na preocupação com a classificação e a organização do vocabulário na duração e na extensão.

Com efeito, o vocabulário para os dois autores é: “um conjunto de palavras, orgânico e hierarquizado, que exprime certo estado de civilização” (1950, p. 221). Esse estado de civilização limitado no tempo não é qualquer época de sua existência. Na verdade, o que vai indicar que período deve ser estudado é o aparecimento de certo número de neologismos particularmente representativos, denominados palavras-testemunha. São elas que marcam as datas da história do vocabulário (1950, p. 221). A lexicologia não deve apreender os fatos individualmente, mas em sua totalidade (1950, p. 211). Deve, depois da análise, fazer uma síntese da organização do vocabulário que ela estuda.

Foi o que Greimas procurou fazer em sua tese principal de doutoramento, com resultados mais ou menos bem-sucedidos. Diz ele:

Nosso estudo é consagrado à descrição das vestimentas do homem civilizado numa época determinada. Essas roupas não se apresentam como uma mistura acidental de elementos heterogêneos, mas antes como uma unidade orgânica em que as diversas partes da indumentária se harmonizam entre si. (2000, p. 19)

As vestimentas dividem-se em masculinas e femininas. As roupas masculinas classificam-se em usadas em casa e fora de casa. Estas se distribuem em ordinárias e de cerimônia (2000, p. 21-22). E assim

sucessivamente. Ao estudar as gravatas, classifica-as em clássicas e românticas, coloridas e brancas ou negras, lisas e estampadas, sem nó e com nó, com nomes em francês ou em inglês (2000, p. 22-28). No final do estudo das gravatas, ele faz a seguinte síntese:

Em resumo, pode-se dizer que as gravatas chamadas *românticas*, isto é, as gravatas coloridas, largas, folgadas e não engomadas são cada vez mais usadas em lugar das gravatas *clássicas* engomadas e, muitas vezes, desprovidas de nó. As gravatas lisas e engomadas permanecem, no entanto, geralmente usadas em traje a rigor. (2000, p. 28)

Os trajes femininos são mais variados. Dividem-se em para moças e senhoras, para primavera/ verão e inverno, para usar em casa e fora de casa, em traje passeio, passeio completo ou a rigor e assim sucessivamente (2000, p. 51-52). Às vezes, o próprio Greimas confessa a dificuldade de fazer uma classificação racional, como, por exemplo, ao tratar das presilhas (*épingles*) (2000, p. 98-99). A classificação dos tecidos leva em conta as estampas, as cores e a natureza da tecelagem (2000, p. 106-122). Os produtos para cuidados do corpo classificam-se em perfumes, cosméticos, maquiagens, sabonetes e dentifrícios (2000, p. 123-129). Estes se dividem em secos e líquidos, com perfumes simples e combinados (2000, p. 127).

Pode-se dizer que o que Greimas buscava eram as estruturas dos campos semânticos do léxico de uma língua, para, depois de exaustivas análises dos diferentes campos, chegar à estrutura do léxico de uma língua (Greimas e Matoré, 1950, p. 210). Seu objetivo era “destacar os traços desse vocabulário de maneira a ajudar na compreensão dos fatos de língua similares” (2000, p. 8). Evidentemente, o que se tem é uma preocupação estrutural e não uma concepção bem definida de estrutura. Estamos no passado da estrutura.

Outra orientação teórica é que Greimas distingue o estudo sincrônico do diacrônico do léxico. Diz ele que evita, tanto quanto possível, o ponto de vista histórico e deseja realizar uma descrição estática de um dado estado de língua (2000, p. 7). Seu objetivo era “constituir uma documentação suficiente sobre um vocabulário determinado de uma dada época” (2000, p. 8). A diacronia far-se-ia estudando os estados anteriores e posteriores do mesmo vocabulário (2000, p. 8). No texto escrito com Matoré em 1950, mesmo criticando a sobreposição feita por Saussure entre estático e dinâmico e sincrônico e diacrônico, considera que os estudos lexicológicos devem ser descritivos ou históricos. Aqueles seriam os estudos de um estado de língua; estes, a comparação de estados sucessivos do léxico (1950, p. 220).

O princípio teórico que se retira dos trabalhos do Greimas lexicólogo é a busca de um método fundado no princípio da imanência, ainda insuficientemente formulado, que teria os seguintes postulados: a lexicologia ocupa-se da semântica e não da morfologia; os

sentidos de que se vale o lexicólogo são os sentidos sociais e não os individuais; o objeto do estudo da lexicologia é a história da sociedade, pois o léxico é resultado das experiências históricas vividas por uma dada comunidade; parte-se da linguagem para estudar os fatos sociais, pois é a linguagem que semiotiza o mundo; o léxico é um conjunto estruturado de palavras (“orgânico” e “hierarquizado” são os termos de Greimas) e a lexicologia deve buscar a estrutura organizadora do léxico, partindo dos elementos mais simples, os campos semânticos; os estudos lexicológicos podem ser sincrônicos e diacrônicos, sendo que aqueles precedem estes, pois a diacronia é feita pela comparação de estados de língua diversos.

As ambiguidades e formulações ainda incipientes devem-se ao fato, notado por Thomas Broden, no prefácio às teses de Greimas, de que elas são escritas “no momento de transição entre a metodologia histórica e a prática estrutural, e recorrem aos dois paradigmas” (2000, p. XXXI).

Greimas, em resposta a uma questão proposta por Michel Arrivé, no Colóquio sobre sua obra, realizado em Cerisy-la-Salle, em 1983, declara sobre o papel que exerceu a lexicologia em sua obra:

Creio que a função de minha passagem pela lexicologia é a função estimulante do fracasso. Foi porque eu vi, depois de cinco ou seis anos de trabalho, que a lexicologia não levava a nada – que as unidades, lexemas ou signos, não levavam a nenhuma análise, não permitiam a estruturação, a compreensão global dos fenômenos – que compreendi que é “sob” os signos que as coisas se passam. Evidentemente, uma semiótica é um “sistema de signos”, mas com a condição de ultrapassar esses signos e de olho, repito, no que se passa sob os signos. Esse tipo de postulado ou de intervenção foi preciso que eu o vivesse para aderir a ele. Para mim, a não pertinência do nível dos signos, eu a vivi em minha experiência lexicológica, porque foi a lexicologia que tentamos fundar com George Matoré nos anos 1940-1950. (2000, p. XI)

A pergunta que se deve fazer é por que Greimas abandonou a lexicologia e dedicou-se a criar uma semiótica. Diante do fato de que o problema da significação é central para as ciências humanas e de que não havia uma disciplina científica adequada para tratar dela, ele propôs, na *Semântica estrutural*, “refletir acerca das condições pelas quais seja possível um estudo científico da significação” (1973, p. 14). A lexicologia não seria a disciplina que permitiria esse.

Segundo Greimas, a linguística abandona a ilusão de que seria possível fazer uma análise exaustiva do plano do conteúdo das línguas naturais, uma vez que isso seria fazer uma descrição completa do conjunto das culturas (1979, p. 327). O projeto estrutural em semântica busca, pois, repensar seu objeto. Estabelece, então, as três condições que deveria satisfazer o estudo da significação:

- a. ser *gerativo*, ou seja, “concebido sob a forma de investimentos de conteúdo progressivos, dispostos

em patamares sucessivos, indo dos investimentos mais abstratos aos mais concretos e figurativos, de tal modo que cada um dos patamares pudesse receber uma representação metalinguística explícita” (Greimas; Courtés, 1979, p. 327);

- b. ser *sintagmático*, isto é, deve explicar não as unidades lexicais particulares, mas a produção e a interpretação do discurso (Greimas; Courtés, 1979, p. 327);
- c. ser *geral*, ou seja, deve ter como postulado a unicidade do sentido, que pode ser manifestado por diferentes planos de expressão ou por vários planos de expressão ao mesmo tempo, como no cinema, por exemplo (Greimas; Courtés, 1979, p. 328).

Ao estabelecer essas condições, a semântica estrutural abandona o objetivo de descrever exaustivamente o plano do conteúdo das línguas naturais e passa a se conceber como uma teoria do texto, visto como um todo de significação. Visa, então, menos a descrever o que o texto diz, mais como o texto diz o que diz, ou seja, os mecanismos internos de agenciamento de sentido. Greimas ocupa-se do que está “sob os signos”, como diz na resposta a Arrivé, pois os lexemas estão num nível superficial da organização dos sentidos e só mostram seu sentido, quando estiverem ligados a outros lexemas formando um discurso. Com isso, resolve os dois grandes problemas teóricos de uma semântica estrutural que tinha por objeto a descrição do plano de conteúdo das línguas naturais: opera com uma classe fechada, o texto, que manifesta um discurso, e busca estabelecer o sistema semântico que está na base da organização de um discurso.

Essa semântica, ao postular a unicidade do sentido, busca viabilizar o projeto saussuriano de uma semiologia, que seria a ciência geral dos sistemas de signos (Saussure, 1969, p. 24). Para demarcar-se do projeto semiológico, que, numa visão muito restrita da definição saussuriana de signo, não leva em conta o processo sêmico, ou seja, o discurso, essa semântica estrutural denomina-se *semiótica*. É ela uma teoria da significação, ou seja, seu trabalho é o de “explicitar, sob a forma de uma construção conceptual, as condições de apreensão e de produção do sentido” (Greimas; Courtés, 1979, p. 345). Situando-se na tradição saussuriana e hjelmsleviana, segundo a qual, a significação é a criação ou a apreensão de diferenças, procurará determinar o sistema estruturado de relações que produzem o sentido do texto. Como dizia Coquet, ela tem o objetivo de “explicitar as estruturas significantes que modelam o discurso social e o discurso individual” (1984, p. 21). Não se trata mais dos signos, mas da significação, ou seja, das relações diferenciais subjacentes que produzem o discurso. Vai estudar as estruturas semânticas e sintáticas hierár-

quicas, sempre relacionais, que produzem os sentidos dos universos discursivos.

Greimas mostra que o discurso é tanto da ordem do sistema, quanto da do acontecimento e, “como tal, submetido à história” (1973, p. 52-53). O sistema é constituído de invariantes, ou seja, generalizações semânticas feitas por uma dada cultura, tidas por universais. Essas generalizações são concretizadas variavelmente no processo discursivo, que é da ordem do acontecimento. É a enunciação que convoca ou subverte as estruturas do sistema (Greimas; Fontanille, 1993, p. 69-70).

Quando pensamos nas bases da semiótica desenvolvida por Greimas, vemos que nela estão presentes as preocupações que estão na base de suas teses e primeiros trabalhos de lexicologia: busca de uma metodologia rigorosa; estudo da significação independente de outras disciplinas linguísticas; estudo estrutural e histórico das significações, sempre com base no princípio da imanência; prevalência da sincronia sobre a diacronia. O estudo das obras lexicológicas de Greimas revela sua coerência intelectual ao longo de toda sua vida na busca de construir um estudo científico da significação. ●

Referências

- Coquet, Jean-Claude.
1984. *Le discours et son sujet*. Paris: Klincksieck.
- Greimas, Algirdas Julien.
1973. *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix/EDUSP.
- Greimas, Algirdas Julien.
2000. *La mode en 1830. Langage et société: écrits de jeunesse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph.
1979. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques.
1993. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática.
- Matoré, Georges; Greimas, Algirdas Julien.
1948. La méthode en lexicologie. A propos de quelques thèses récentes. *Romanische Forschungen*, n. 60. pp. 411-419.
- Matoré, Georges; Greimas, Algirdas Julien.
1950. La méthode en lexicologie (II). *Romanische Forschung*, n. 62. pp. 208-221.

Dados para indexação em língua estrangeira

Fiorin, José Luiz

Greimas's intellectual journey: the path to structure

Estudos Semióticos, vol. 13, n. 2 (2017)

ISSN 1980-4016

Abstract: *After presenting Greimas' goals and theoretical bases in his lexicological research, both in his doctoral dissertations (the main and the subsidiary one) and in his post-defense articles, this paper shows why he abandoned lexicology and created a structural semantics, and then a semiotics. By analyzing Greimas' intellectual trajectory, we note the presence of preoccupations that originate in his dissertations and lexicological works: the search for a rigorous methodology; the study of meaning independent from other linguistic disciplines; the structural and historical study of meaning, always based on the principle of immanence; and the prevalence of synchrony over diachrony. The study of Greimas's œuvre reveals his intellectual coherence throughout his life, in his search to construct a scientific program to research meaning.*

Keywords: *semantics ; structure ; principle of immanence ; word ; text*

Como citar este artigo

FIORIN, José Luiz. Itinerário intelectual de Greimas: o percurso da estrutura. *Estudos Semióticos*. [online], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 13-18. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 21/07/2017

Data de sua aprovação: 30/08/2017
